

Saúde Mental e Educação: estudo de caso em uma escola Quilombola na Serra do Evaristo em Baturité-Ceará

Camila Ricarte Dantas Carvalho

Pedagoga, Psicóloga, Mestre em Interdisciplinar em Humanidades (UNILAB), Professora da Educação Básica e Professora Universitária

✉ camilaricarte753@gmail.com

James Moura Júnior

Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará

✉ james.mourajr@unilab.edu.br

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar a saúde mental de jovens quilombolas da Escola Osório Julião da Serra do Evaristo no estado do Ceará, Brasil. Na ótica metodológica, trata-se de um estudo qualitativo por meio de um Pesquisa-Ação Participante através de entrevistas e círculo de cultura realizada no território quilombola. Os resultados apontam que a relação com o território, a natureza e a cultura são parte importante no enfrentamento do adoecimento psíquico. Nesse contexto a escola exerce um papel fundamental nesse contexto geracional consistente e dotada de sentido para os jovens.

Palavras-chave: Saúde Mental, Quilombo, Educação, Psicologia.

Mental Health and Education: case study in a Quilombola school in Serra do Evaristo in Baturité-Ceará

Abstract:

This article aims to analyze the mental health of young quilombolas from the Osório Julião da Serra do Evaristo School in the state of Ceará, Brazil. From a methodological perspective, this is a qualitative study, through a Participatory Action Research through interviews and circles carried out in the quilombola territory. The results indicate that the relationship with the territory, nature and culture are an important part of coping with mental illness. In the same way, the school plays a fundamental role in this context, providing a consistent and meaningful generational education for young people.

Keywords: Mental Health, Quilombo, Education, Psychology.

Salud mental y educación: estudio de caso en una escuela quilombola de la Serra do Evaristo en Baturité-Ceará

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo analizar la salud mental de jóvenes quilombolas de la escuela Osório Julião da Serra do Evaristo en el estado de Ceará, Brasil. Desde una perspectiva metodológica, se trata de un estudio cualitativo, utilizando la Investigación Acción Participativa a través de entrevistas y círculos realizados en el territorio quilombola. Los resultados indican que la relación con el territorio, la naturaleza y la cultura son parte importante del afrontamiento de la enfermedad mental. Así como las escuelas juegan un papel fundamental en este contexto, brindando una educación generacional consistente y significativa para los jóvenes.

Palabras clave: Salud Mental, Quilombo, Educación, Psicología.

INTRODUÇÃO

O contexto de saúde da população é resultado de múltiplos coeficientes, conforme afirma a Organização Pan-Americana de Saúde. Dentre esses fatores, o processo de “territorialização das condições de saúde, de modo a reconhecer as relações entre condições de vida, saúde e acesso aos serviços de saúde em um dado território” (OPAS, 2021, p.1). Pensar na saúde de pessoas Quilombolas é ter o cuidado e a garantia de um serviço de saúde que possa compreender essa comunidade, seus costumes e crenças, suas especificidades como forma efetiva de nomear demandas e priorizar necessidades. No tocante à saúde mental não é diferente. Integrada como um fenômeno humano e social, sendo, uma abordagem complexa, histórica, política e culturalmente contextualizada dos cenários de vida de uma população, torna-se importante a compreensão do sofrimento psíquico. Compreendendo que saúde, doença e sofrimento não são entidades universais, nem individuais, mas dizem respeito a um “processo social corporificado nos sujeitos históricos” (VICTORA, 2011, p. 4). Segundo Kleinman *et al.*, (1997), uma dimensão importante do sofrimento social está relacionada aos processos políticos e profissionais, os quais podem envolver apropriações autorizadas ou contestadas do sofrimento coletivo; (2) a medicalização da vida; e (3) sofrimento na relação políticas públicas (KLEINMAN *et al.*, 1997).

Para a Organização Mundial de Saúde OMS (2023), a saúde psíquica é um estado de bem-estar mental que permite às pessoas lidarem com o stress da vida, realizar as suas capacidades, aprender e trabalhar bem e contribuir para a sua comunidade. Porém, quando se trata do bem-estar psíquico, vários fatores podem interferir no pleno desenvolvimento da saúde mental pois, a qualquer momento, um conjunto diversificado de fatores individuais, familiares, comunitários e estruturais pode combinar-se para proteger ou prejudicar a saúde mental. Embora a maioria das pessoas sejam resilientes, o sujeito exposto a circunstâncias adversas – pobreza, violências, deficiências, racismo, discriminação de gênero e desigualdades sociais – correm maior risco de desenvolver um problema de saúde mental. Ainda como afirma a OMS (2023), alguns adolescentes correm maior risco de problemas de saúde mental devido às suas condições de vida, estigma, discriminação ou exclusão, ou falta de acesso a apoio e serviços de qualidade. A Organização Mundial de Saúde preconiza que adolescentes que vivem em ambientes desumanos e frágeis; adolescentes com doença crônica, perturbação do espectro do autismo, deficiência intelectual ou outra condição

neurológica; adolescentes grávidas, pais adolescentes ou em casamentos precoces ou forçados; órfãos; e adolescentes de minorias étnicas ou sexuais ou de outros grupos discriminados. É preciso pensar em saúde mental para além do sujeito e levar em consideração os determinantes sociais da saúde que correspondem às condições de vida, trabalho e moradia dos indivíduos e comunidades, associados aos fatores sociais, econômicos, culturais, étnico e raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam no processo de saúde e doença (KRIEGER, 2001; FREITAS *et al.*, 2011; BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2006).

A comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, possui seu território oficialmente reconhecido desde 2010 pela Fundação Cultural dos Palmares. A metodologia da pesquisa do é de cunho qualitativo, mais especificamente, trata-se de uma Pesquisa-Ação Participante. Desse modo, em um primeiro momento serão apresentados os aspectos metodológicos. Em um segundo momento, discute-se o processo de análise dos dados. No entanto, esse bem-estar psíquico é fortemente influenciado por fatores estruturais. Adolescentes que vivem em contextos marcados por desigualdades sociais, estigma, exclusão e racismo estrutural estão mais propensos ao sofrimento psíquico. A juventude negra, quilombola, indígena, periférica ou pertencente a grupos historicamente marginalizados, encontra-se sob constante ameaça simbólica e material, sendo exposta a múltiplas formas de violência que atravessam seu desenvolvimento e afetam sua saúde mental.

É preciso, portanto, ampliar a concepção de saúde mental para além do sujeito, articulando-a aos determinantes sociais que moldam as experiências de sofrimento e resistência. Como destacam Krieger (2001), Freitas *et al.* (2011) e Buss & Pellegrini Filho (2006), esses determinantes incluem as condições de vida, moradia, trabalho, bem como os fatores étnico-raciais, culturais e comportamentais que influenciam diretamente o processo saúde-doença. No caso das populações quilombolas, esse processo é indissociável da luta por reconhecimento territorial, da valorização dos saberes ancestrais e da construção de estratégias próprias de cuidado e cura. A análise da saúde mental nesse contexto exige uma abordagem que reconheça a potência dos territórios tradicionais, o papel central da comunidade e a força da coletividade como fundamento do bem viver.

O presente artigo, ao abordar a saúde mental de jovens quilombolas da Escola Osório Julião, localizada na Serra do Evaristo, no município de Baturité – CE, insere-se nesse campo de reflexão crítica. O estudo busca compreender como o racismo estrutural impacta a vida

escolar e emocional de estudantes quilombolas, e de que forma a escola pode constituir-se como espaço de cuidado e proteção. A proposta metodológica, ancorada na Pesquisa-Ação Participante, permite um mergulho sensível nas narrativas juvenis, reconhecendo a escola não apenas como instituição de ensino, mas como território de escuta, resistência e produção de subjetividades. Ao refletir na tríade saúde, educação e cultura, esta pesquisa afirma a urgência de práticas intersetoriais que reconheçam os jovens quilombolas como protagonistas de seus processos de cura e transformação.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa foi exploratória realizada em campo a partir de entrevistas semiestruturadas. A pesquisa exploratória, conforme explica Gil (2002), proporciona maior envolvimento com o problema, torna o pesquisador mais inserido no território, com o objetivo de refletir sobre as demandas que surgem ao longo da pesquisa como o levantamento de hipóteses, análise dos dados coletados, etc. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. O pesquisador dotado de maior intimidade com o tema será capaz de responder seus questionamentos. Já no estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo em locus uma experiência direta com a situação de estudo (GIL, 2002). Desse modo, apontando para uma perspectiva participativa de fazer pesquisa, este estudo se constituiu a partir de uma pesquisa-ação, como metodologia qualitativa.

A Pesquisa-Ação (PA) une a produção de conhecimento à transformação da realidade social: ao mesmo tempo que se deseja e busca compreender uma realidade, objetiva-se nela intervir. O problema da pesquisa deve ser também um problema social. Sendo assim, o propósito da Pesquisa-Ação é estabelecer mecanismos de intervenções para problemas sociais, ao mesmo tempo em que realiza intervenções (SELISTER GOMES *et al.*, 2019). Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível presente na comunidade, pois é por meio dessa presença na realidade que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado. Ou seja, é importante que o pesquisador na pesquisa

de campo esteja inserido em seu objeto de estudo, seja para fazer as entrevistas semiestruturadas, seja para propor a intervenção. A participação do pesquisador na comunidade é essencial.

O estudo foi operacionalizado por meio das entrevistas realizada na escola Osório Julião situada na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, com os jovens de 11 a 14 anos. Os questionários foram aplicados pelos pesquisadores. O momento foi importante para compreender, como estava a saúde mental dos discentes. A escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Baturité, possui um papel importante na organização do Quilombo, pois, para além da educação formal, a escola contribui para a manutenção das tradições com uma possibilidade de participação, socialização, desenvolvimento, integração, aquisição e aprofundamento do conhecimento nos diversos ramos do saber humano, bem como a preparação de novos membros para viver e se integrar na comunidade, para enriquecê-la e transformá-la, tornando-a cada vez melhor e mais humana.

“De acordo com a concepção de escola Quilombola, cria-se na instituição Osório Julião, um ambiente de discussão onde os educandos podem tomar consciência de suas aspirações e valores mais íntimos e mais legítimos, tomando decisões mais esclarecidas sobre sua vida, a partir de aprendizagens significativas, ou seja, uma espécie de “consciência ativa” da própria comunidade, para alertá-la quanto aos seus valores, problemas e possibilidades, preparando seus elementos para que sejam membros renovadores e criativos nessa mesma sociedade. Antes de qualquer coisa, a escola tem de conhecer o ambiente de onde provêm os alunos, para poder tratá-los de acordo com suas peculiaridades e características, não lhes oferecendo uma educação inadequada” (PPP da Escola Osório Julião, 2020)

De partida, compreende-se que esses jovens fazem parte de um grupo minoritário. Minoritário é a classificação que se usa para definir grupos de secções dentro de um todo do povo. Tomando como referência os seguintes processos de violência: por raça e/etnia (jovens indígenas e quilombolas), por classe social (jovens pobres) e por gênero (mulheres, jovens LGBT) objetiva-se compreender as necessidades dessa maioria da população discriminada por leis totalitárias que não conseguem atingir essa população. Entendendo, conforme expressa Akotirene (2019), que os processos de violência podem se apresentar de forma interseccional, a população estudada poderá possuir mais de um dos marcadores descritos. Na fase quantitativa, foram aplicados 28 questionários de avaliação da saúde mental. Na fase qualitativa, 13 jovens participaram das entrevistas e do círculo de cultura.

O círculo de cultura foi desenvolvido por Paulo Freire (2005) para trabalhar com grupos populares e subalternizados, é um espaço circular de diálogo, onde se estabelece uma

relação horizontal entre pesquisador e colaborador, ocorrendo a interação entre o saber científico e o saber popular, de modo que se torna possível problematizar a realidade social a partir de referências produzidas. Para Freire (1996), os Círculos de Cultura auxiliam na construção de uma intervenção ético-política no mundo, a qual busca diminuir as distâncias sociais. Constrói-se, assim, um saber fundado na ética da não-exploração do ser humano, bem como de sua emancipação (FREIRE, 1996). O processo de planejamento da aplicação dos círculos de cultura foi pensando em perguntas geradoras que fomentassem a reflexão dos discentes. No momento do círculo de cultura foi organizado uma apresentação da pesquisa com uma explicação de como aconteceria todo o processo da pesquisa no território, uma dinâmica onde os pesquisadores iam desenrolando um rolo de papel enquanto se apresentavam. Foi iniciada uma discussão circular e dialógica sobre o que os alunos entendiam sobre o conceito de violência estrutural e racial.

Em seguida, lhes foi apresentados fotos cotidianas, onde somente pessoas brancas ocupavam os lugares, como exemplo foi exposta uma foto de formatura da turma de Medicina de uma faculdade particular, onde todos os formandos eram sujeitos brancos, não havendo nenhum estudante negro. A partir dessa imagem, foram feitas perguntas geradoras onde os alunos da escola, refletiram pela ótica da sua realidade. Um debate foi construído partindo do que cada aluno entendia por racismo, lugar de fala e meritocracia. Os círculos de cultura aconteceram debaixo de um espaço aberto, redondo, com o teto de palha, remetendo-nos a ideia de uma oca (morada indígena). Como forma de devolutiva da pesquisa à comunidade, pensamos juntamente com os alunos, produzir de forma coletiva um documentário onde os alunos pudessem a partir de suas vivências, apresentar a comunidade, sua cultura, seu povo, suas músicas e história.

Inicialmente, cabe ressaltar que todas as técnicas e instrumentos de pesquisa foram organizadas e elaboradas ouvindo os povos e comunidades envolvidas de acordo com os princípios éticos e metodológicos a saber: i) a comunidade indicou as representações para acompanhamento, monitoramento e avaliação das ações da pesquisa segundo critérios próprios de suas organizações sociopolíticas; ii) é reconhecido que a comunidade possui sistemas próprios de educação escolar garantidos pela legislação vigente; iii) respeitou-se os limites de acesso dos/as pesquisadores/as do projeto a conhecimentos e informações consideradas segredos do campo ritual/cosmológico; iv) é reconhecido que a comunidade

possui concepções próprias de violência e violações de direitos humanos, devendo-se respeitar o diálogo conceitual na perspectiva intercultural crítica; Ao iniciar o contato com as pessoas participantes, tendo em vista a faixa etária abarcar pessoas menores de 18 anos, foram disponibilizados: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responsáveis e o Termo de Assentimento Livre e esclarecido (TALE) para as/os participantes. Tais documentos orientavam sobre os possíveis riscos presentes ao participar da pesquisa, como também evidenciava que, além de a participação ser voluntária, a qualquer momento o participante podia se retirar da pesquisa sem prejuízo ou dano algum, observando as recomendações da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Tabela 1 – Participantes da Pesquisa

Participantes dos círculos de cultura	
Nome	Idade
Conceição Evaristo	13 anos
Maria Firmina	13 anos
Stela do Patrocínio	13 anos
Ruth Guimarães	12 anos
Djamila Ribeiro	14 anos
Carolina Maria de Jesus	14 anos
Abdias Nascimento	11 anos
Oswaldo de Camargo	14 anos
Cruz e Souza	14 anos
Joel Rufino	13 anos
Paulo Lins	12 anos
Carlos de Assunção	13 anos
Lima Barreto	14 anos

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Encerrada a produção dos achados e dos sentidos da pesquisa junto aos participantes, passamos para a análise de dados. Os nomes apresentados são fictícios e foram baseados em autores e autoras negras brasileiras contemporâneas ou já falecidas

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise de dados, foi importante compreender como o território é significativo e importante para a construção do sujeito quilombola jovem. Os quilombolas vão incluindo através de sua história e características próprias, associadas às políticas públicas, “a necessidade do grupo social em identificar suas raízes e valorizar o núcleo de sua cultura por meio da luta de resistência” (BENNETT, 2010, p. 30). É desta forma que a identidade quilombola é assumida pela comunidade. Surge assim, a importância dos grupos se afirmarem e reconhecerem-se como quilombo. Para o aluno Paulo Lins, “ser quilombola acho que é reconhecer a sua história, reconhecer o lugar onde você vive, a cultura. É saber que seu povo lutou para ter o que tem hoje, que é uma casa para morar, uma família, ter o que comer, e é isso.”

A análise qualitativa realizada por meio dos círculos de cultura evidenciou, com força e sensibilidade, que os sofrimentos psíquicos vividos por jovens quilombolas da Escola Osório Julião estão diretamente relacionados às experiências de racismo, violência de gênero, exclusão social e apagamento histórico. No espaço da roda, em que o saber acadêmico dialoga com o saber da experiência, os jovens puderam narrar — com coragem e generosidade — os atravessamentos que impactam sua saúde mental.

Essa afirmação traduz um dos principais achados da pesquisa: o pertencimento ao quilombo não é apenas um marcador étnico-identitário, mas um fator fundamental de proteção psíquica e produção de saúde mental coletiva. Os jovens reconhecem na ancestralidade, na luta política do território e nas práticas culturais cotidianas — como o toque do tambor, a oralidade e a espiritualidade — caminhos de cura e força diante dos impactos da violência estrutural.

No entanto, o cotidiano escolar também revelou vivências de sofrimento marcadas por exclusão e racismo. Maria Firmina, 13 anos, compartilhou: “Na escola, teve uma vez que um menino da cidade falou que a gente era sujo, que vivia no mato e que só servia pra pegar em enxada. Eu chorei tanto naquele dia que nem quis mais ir pra aula.” Essa dor, sentida no corpo e na alma, reverbera os impactos de uma lógica colonial ainda presente nas relações escolares e nos currículos que silenciam ou marginalizam os saberes quilombolas. A escola passa a ser vista como um fator de proteção de jovens frente a manutenção da saúde mental, criação e fortalecimento dos vínculos de pertencimento com o território e a cultura.

A Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012) é uma modalidade de ensino que deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em territórios quilombolas, ou que atendam estudantes oriundos destes, nas diferentes etapas e modalidades da Educação Básica. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola fundamentam-se nas seguintes funções: memória coletiva; línguas remanescentes; marcos civilizatórios; práticas culturais; tecnologias e formas de produção do trabalho; acervos e repertórios orais; festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; e, por fim, territorialidade (BRASIL, 2012).

Como apontado por Djamila Ribeiro, também de 14 anos: “A gente aprende muita coisa da história dos outros, mas quase não vê nossa história. Só no 20 de novembro que falam da gente. A escola devia falar mais dos nossos heróis o ano todo.” Tais depoimentos confirmam que a invisibilização da história e cultura negra dentro da escola são percebidas pelos próprios estudantes como uma forma de violência simbólica e institucional. Essa ausência compromete a construção da autoestima e contribui para a interiorização de sentimentos de inferioridade e exclusão, o que, por sua vez, agrava sintomas de sofrimento psíquico identificados também na etapa quantitativa da pesquisa.

Contudo, o território também apresenta caminhos de resistência e cura, especialmente por meio das práticas comunitárias e da religiosidade popular. Conceição Evaristo, 13 anos, afirmou: “Quando tô triste, gosto de ir pra igreja com minha mãe e de ouvir as histórias antigas da minha avó. A gente reza junto, e eu me sinto mais forte.” Esses rituais cotidianos de cuidado coletivo, que envolvem a escuta, a fé, as memórias e a presença da ancestralidade, mostraram-se cruciais na construção de um ecossistema de apoio emocional e psíquico que escapa aos parâmetros biomédicos tradicionais. São formas de cuidado que,

embora muitas vezes invisíveis aos olhos das políticas públicas, têm potência restauradora e política.

A proposta metodológica do círculo de cultura, inspirada por Paulo Freire, também se confirmou como ferramenta eficaz para a escuta sensível e horizontal dos jovens. Durante um dos encontros, como relatado anteriormente, a equipe apresentou imagens de formaturas universitárias compostas majoritariamente por pessoas brancas. A reação dos estudantes foi imediata ao perceberem as violências e o racismo que existiam nas fotos. Abdias Nascimento, 11 anos, refletiu: “A gente quase não vê preto nesses lugares. Parece que só branco pode ser doutor.” Essa fala escancara como o racismo estrutural opera também no plano do imaginário e das projeções de futuro, limitando o desejo e a possibilidade de sonhar. A pesquisa, ao confrontar essas imagens com a realidade local, permitiu tensionar o lugar social a que esses jovens são historicamente relegados e fomentar processos de conscientização crítica e resistência subjetiva.

Durante a pesquisa foi sugerido aos participantes uma produção coletiva do documentário “Vivências do Quilombo da Serra do Evaristo”, fruto da devolutiva da pesquisa, como elemento central de análise. A proposta, construída com base em colagens, poesias, desenhos e depoimentos dos alunos, revelou a força simbólica da arte como instrumento de cuidado e afirmação identitária. Como disse Ruth Guimarães, 12 anos: “Eu desenhei minha casa, minha mãe fazendo chá de erva e meu avô batucando. Isso é o que me acalma quando eu tô triste.” A arte, neste contexto, atua como dispositivo terapêutico e político, mobilizando memórias afetivas, vínculos intergeracionais e sentidos de pertencimento. O curta, exibido inclusive em festivais audiovisuais, tornou-se um manifesto visual da juventude quilombola e um contra-discurso frente às narrativas coloniais que historicamente os silenciaram.

Por fim, os dados qualitativos revelam que a promoção da saúde mental de jovens quilombolas requer ações que articulem a escuta, o reconhecimento das múltiplas formas de violência, e o fortalecimento das redes comunitárias de cuidado. A escola, quando se compromete com uma educação antirracista, decolonial e enraizada no território, transforma-se em espaço de proteção, afirmação e cura. Como afirmou Stela do Patrocínio, 14 anos: “A escola é onde a gente aprende a falar, a dizer que sente, que dói, mas também que tem força. É onde a gente aprende que pode ser alguém.” Essa voz juvenil ecoa como uma convocação para que as políticas públicas, os currículos escolares e os serviços de saúde se

aproximem da vida real desses jovens — reconhecendo neles não apenas sujeitos em sofrimento, mas sujeitos potentes, criativos e protagonistas de suas histórias.

Fica evidente também, como os grupos populacionais que são mais expostos a riscos para o desenvolvimento ou agravamento de transtornos mentais, isto é, ficam mais vulneráveis ao sofrimento psíquico como os jovens em contexto escolar considerada uma das mais afetadas por transtornos mentais comuns, ideações suicidas e uso abusivo de álcool e outras drogas, havendo uma prevalência em jovens negros e indígenas (IYANDA, KRISHNAN, & ADEUSI, 2022). Quilombos são uma experiência coletiva de africanos e seus descendentes com estratégias de reagir ao escravismo ou as suas heranças estruturais, buscando outras formas de sobrevivência e existência (MUNANGA; GOMES, 2006).

A escola deve ser um local dentro da comunidade quilombola que para além dos conteúdos ensinados, possa garantir a continuação da transmissão de conhecimentos, das memórias e tradições coletivas dos seus antepassados, e produzir nos mais jovens o desejo de preservar os saberes ancestrais. Assim, afirma o aluno Joel Rufino, é na escola que eu aprendo todos os dias a ser quilombola. Eu gosto daqui. A discente e quilombola, Conceição do Evaristo reafirma que “a escola aqui é muito importante para nós. Aqui me sinto muito bem. Tenho um sentimento de pertencimento. Tenho acolhimento”. A Educação Escolar Quilombola começa na comunidade, nas relações comunitárias e com a família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo reafirma que pensar a saúde mental de jovens quilombolas requer ir além de abordagens clínico-terapêuticas descontextualizadas, situado e comprometido com a realidade vivida por esses sujeitos no cotidiano escolar. Os dados evidenciaram que a escola Osório Julião, na Serra do Evaristo, é mais do que um espaço de ensino formal: é território de memória, cuidado e resistência. Nela, a articulação entre educação e saúde se dá de modo ampliado, ancorada nas experiências da comunidade e nos saberes ancestrais. As vivências compartilhadas por jovens quilombolas revelam a urgência de se reconhecer o papel das instituições escolares como espaços promotores de saúde mental, capazes de atuar na prevenção do sofrimento psíquico causado pelas múltiplas formas de violência estrutural —

em especial o racismo. Nesse sentido, a escola torna-se lugar estratégico para a atuação intersetorial entre educação, saúde e assistência social, conforme prevê a recente Lei nº 14.819/2024, que institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares. No entanto, para que tais políticas não repliquem lógicas impositivas, medicalizantes e alheias ao contexto escolar, é necessário tensionar os modos como os serviços de saúde e educação se articulam. Como mostrou a experiência desta pesquisa, o trabalho com saúde mental na escola só se torna efetivo quando construído em diálogo com os sujeitos, respeitando suas práticas, identidades, culturas e formas de cuidado.

Por fim, defendemos que ações em saúde mental nas escolas quilombolas devem ser pautadas em metodologias emancipatórias, como a pesquisa-ação participante e os círculos de cultura, que permitem que a escola funcione como um espaço de escuta sensível, de pertencimento e de fortalecimento comunitário.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento ao Financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa, Estimulo a Interiorizacao de Inovacao Tecnologica (BPI) 11/2024.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BENNETT, Marcus. **Os quilombolas e a resistência**. Revista Palmares: Cultura Afro-Brasileira, ano VI, n. 6, mar. 2010. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/revista/>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Articulação Interfederativa. **Temático Saúde da População Negra**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 82 p. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/tematico_saude_populacao_negra_v.7.pdf. Acesso em: 10 abr. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 42. ed.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IYANDA, A. E.; KRISHNAN, B.; ADEUSI, T. J. **Epidemiology of suicidal behaviors among junior and senior high school adolescents: Exploring the interactions between bullying victimization, substance use, and physical inactivity.** *Psychiatry Research*, v. 318, 114929, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2022.114929>.

KLEINMAN, A.; DAS, V.; LOCK, M. **Social suffering.** Berkeley: University of California Press, 1997.

KRIEGER, N. **A glossary for social epidemiology.** *Journal of Epidemiology and Community Health*, n. 55, p. 693–700, 2001.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global/Ação Educativa, 2006.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Determinantes sociais e riscos para a saúde, doenças crônicas não transmissíveis e saúde mental.** Brasília: OPAS, 2021. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=317:analise-de-situacao-de-saude-ambiental&Itemid=839.

SANTOS, K. O. B.; ARAÚJO, T. M.; OLIVEIRA, N. F. **Estrutura fatorial e consistência interna do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) in an urban population.** *Cadernos de Saúde Pública*, v. 25, n. 1, p. 214–222, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009000100023>.

SELESTER-GOMES, Mariana; QUATRIN-CASARIN, Eduarda; DUARTE, Giovana. **O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um estudo bibliométrico.** *Revista CS*, n. 29, p. 47–72, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18046/recs.i29.3186>.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).